

Os verbos fortes portugueses e a sua mudança vocálica*

Viviane Cunha**

RESUMO: Ressaltando a importância da vogal tônica e sua vulnerabilidade, analisa-se o processo da metafonia na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos fortes, e a atuação da analogia na regularização do sistema de conjugação.

A vogal tônica é uma das entidades lingüísticas mais típicas e surpreendentes no âmbito da Fonologia. Dois traços a caracterizam: **estabilidade**, no sentido de que não está sujeita a fenômenos de síncope, apócope ou aférese (a não ser em raras exceções), e por outro lado, vulnerabilidade, pelo fato de ser a que **mais sofre mudanças** nas línguas. Veja-se, por exemplo, a ditongação românica, a qual tem causas diversificadas e, até mesmo, resultados diferentes em cada língua, mas em que a vogal atingida é sempre a tônica.

No caso do português, a vogal tônica tem um papel importantíssimo, pois, ao que tudo indica, está fortemente ligada à tipologia da língua. Há línguas em que ocorre uma distribuição harmoniosa das sílabas, com ligeira ênfase para distinguir a tônica, como o italiano e o espanhol, por exemplo. Já no português, há uma tendência a enfatizar demais a sílaba tônica, o que torna as pretônicas um pouco obscuras, e as postônicas quase desaparecidas, em face de sua débil atuação. Isto é mais evidente ainda nos falares de Portugal. O fato de a sílaba

* Recebido para publicação em agosto de 1996.

** Professora Assistente de Filologia Românica do Departamento de Letras Românicas da Faculdade de Letras da UFMG.

tônica ser mais enfática no português faz com que a vogal tônica portuguesa se torne mais evidente também.

É provável que a tendência à metafonia, tão expressiva no português, esteja proporcionalmente relacionada com o enfraquecimento das vogais átonas finais e das consoantes finais. Com a lenição desses fonemas, que são também, na maioria das vezes, morfemas, para que se faça a distinção entre singular e plural (caso do /s/), e masculino e feminino (caso do /a/ e do /u/, grafado o), torna-se necessária esta espécie de flexão interna, que é a alternância da qualidade da vogal tônica, para marcar aquelas categorias gramaticais de número e de gênero. Mas não são apenas os nomes que são atingidos por flexões internas, no português. O sistema verbal também está marcado por alternâncias vocálicas, não somente provenientes de resultados metafônicos, como também, algumas vezes, resultantes de apofonia.

A questão da tonicidade tem a ver, é claro, com o ritmo da língua. Segundo Entwistle,¹ o português é uma língua de ritmo trocaico, assim como o espanhol e o catalão, isto é, no seu repertório léxico predominam os vocábulos paroxítonos. A ilustre professora Ângela Vaz Leão, num trabalho inédito, observa que as palavras proparoxítonas portuguesas são em geral empréstimos latinos, enquanto as oxítonas ou são palavras provenientes de paroxítonas no latim, que tiveram apócope de e final em português (como o infinitivo dos verbos) ou que sofreram síncope seguida de crase (como *germana* -> *irmã* -> *irmã*), ou são empréstimos exóticos (*bambu*, *angu*, etc), ou, ainda, são hipocorísticos (*papai*, *Zeze*, etc). As palavras hereditárias e as de formação vernácula que correspondem à maioria do léxico português (salvo as exceções acima), são palavras predominantemente paroxítonas.

Assim sendo, é comum na língua portuguesa a vogal tônica fazer parte do radical de uma palavra, embora, nos derivados, possa também aparecer no sufixo. Tal fato possibilita uma série de alternâncias vocálicas nas raízes dos verbos portugueses. Estes apresentam um tipo de metafonia bastante específica, em relação às demais classes de palavras. Nos verbos, em geral, ela ocorre não somente por causa das vogais átonas finais /a/ e /u/, mas também, por contacto com semivogal, e ainda por influência de /i/ final, no caso dos pretéritos fortes.

O sistema verbal português é dos mais complexos, pois, além do conjunto de sufixos modo-temporais e sufixos número-pessoais usados para expres-

¹ ENTWISTLE, William J. *The Spanish Language Together with Portuguese, Catalan and Basque*. Trad. esp.: *Las lenguas de España: castellano, catalán, vasco y gallego-portugués*. Madrid, Istmo, 1982. p.77.

sar modos, tempos e pessoas, lança mão, também, da alternância vocálica, na distinção de pessoas, como em fiz, fez; fui, foi; distingue ainda formas verbais como pōde (pretérito perfeito) e pōde (presente do indicativo).

Devido a essa complexidade, que por si só seria assunto para inúmeros trabalhos, tratarei aqui apenas daqueles casos evidentes de metafonia, no pretérito perfeito do indicativo de alguns verbos fortes.

Dos verbos de pretérito perfeito forte em português, interessa-nos, no presente estudo, o quadro sincrônico, já que, entre o latim vulgar e o português arcaico e entre este e o português moderno, houve muitos verbos fortes que desapareceram ou que se tornaram fracos, na fase arcaica ou no limiar da moderna. Como este trabalho pretende apenas uma abordagem da metafonia, tomarei, como exemplos para estudo, somente as formas que apresentam alternância vocálica nos radicais e são, no consenso geral, resultantes de metafonia.

O quadro sincrônico dos verbos portugueses que apresentam alternância vocálica entre a 1ª e a 3ª pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo é o seguinte:

QUADRO 1

Infinitivo	1ª p. s. pret. perf. ind.	3ª p. s. pret. perf. ind.
• estar	estive	esteve
fazer	fiz	fez
• ir	fui	fõi
poder	pude	pōde
por	pus	pōs
• ser	fui	fõi
ter	tive	teve
vir	vim	veio

Deixarei de lado, pelo menos por enquanto, os verbos **estar**, **ir** e **ser**, cujas alternâncias vocálicas na 1ª e 3ª pessoas do singular do pretérito perfeito não se explicam pela metafonia.

Entre as formas de que me ocuparei, algumas, isto é, as de 1ª pessoa são resultantes de metafonia. É o caso por exemplo, de fiz < fēci, pude < pōtui, pus < pōsui, tive < tēnui, vim < vēni, onde o /i/ final influenciou a vogal tônica, tendo esta se transformado de média em alta. Em outras palavras houve uma assimilação à distância cujo resultado foi o alçamento da vogal tônica. Observe-se que se trata de assimilação total em

fēci > fezi > fizi > fize > fiz,
tēnui > teui > tevi > tivi > tive,
vēni > vini > vīi > vī/vim,

porque as duas vogais, isto é, a assimiladora e a assimilada, pertencem à mesma série (anterior). Já nas formas verbais

pōsui > posi > pusi > puse > pus,
pōtui > podui > podi > pudi > pude,

a assimilação é parcial, porquanto as duas vogais, ativa e passiva, do processo de assimilação, pertencem a séries diferentes (anterior e posterior).

Para **pude** e **pus**, alguns autores costumam dar como étimo as formas hipotéticas do latim vulgar ***poti** e ***posi** respectivamente. Essa questão deixa de ser relevante, já que em ambos os étimos há presença do /i/. Partindo-se de pōtui e pōsui, teríamos que considerar duas fases da metafonia: a primeira, provocada por metátese de **u** (provavelmente semivogal /w/) e à segunda, por influência de /i/ átono final:

pōsui > *pousi > puse > pus
pōtui > *podui > *poudi > pudi > pude.

É interessante observar ainda que, nas formas de 3ª pessoa de singular pōde < pōtuit e pōs < pōsui, houve um fechamento de um grau do timbre da vogal tônica, que passou de /ɔ / para /o/. Depois que o /t/ final sofreu apócope, fenômeno muito antigo, que talvez remonte ao latim, o /i/ das formas de 3ª pessoa ficou sendo final, e assim, pode ser que tenha feito fechar o timbre da vogal média em pōde < potui(t) e pōs < posui(t). Por outro lado, nas outras pessoas não houve /i/ final e, entretanto, tiveram, no português arcaico, a vogal média da raiz com o mesmo timbre fechado (cf. quadro 2).

A grande questão que se coloca em relação ao pretérito perfeito dos verbos fortes é a da manutenção das vogais altas (anterior e posterior) no radical das outras pessoas, já que no português arcaico elas conservavam a vogal latina, como se pode verificar no quadro abaixo:

QUADRO 2

Latim	Port. arcaico	Port. moderno
fēci	fize > fiz (metaf.)	fiz
fecisti	fezeste	fizeste
fecīt	feze > fez	fez
fecī mus	fezemos	fizemos
fecī stis	fezestes	fizestes
fecērunt	fezerom	fizeram
pōsui	puse (puge)>pus (metaf.)	pus
posuisti	poseste	puseste
posuīt	pôs	pôs
posuimus	posemos	pusemos
posuistis	posestes	pusestes
posuērunt	poserom	puseram
pōtui	pude (metaf.)	pude
potuisti	podeste	pudeste
potuīt	pōde	pōde
potuimus	podemos	pu demos
potuistes	podestes	pu destes
potuērunt	poderom	pu deram
tēnui	tiue/tive (metaf.)	tive
tenuisti	teueste/teveste	tiveste
tenuīt	teue/teye	teye
tenuimus	teuemos/tevemos	tivemos
tenuistis	teuestes/tevestes	tivestes
tenuērunt	teuerom/teverom	tiveram
vēni	vīi (metaf.)	vim
venisti	vēeste	vieste
venit	vēi	vej + u > veio
venīmus	vēimos	viemos
venistis	vēestes	viestes
venērunt	vēerom	vieram

No quadro 2, podemos observar que a forma metafonizada da 1ª pessoa do singular dos verbos arrolados² era distinta da forma de 3ª pessoa do singular, na época arcaica. No português moderno, para se evitar uma homonímia entre a 1ª e 3ª pessoas do singular, conservou-se a forma arcaica de 3ª pessoa.

Quanto às outras pessoas, a presença de /i/ ou /u/ no radical, parece ter sido determinada pela analogia com a 1ª pessoa. Mas isso não é ponto pacífico entre os autores. Se alguns, como, por exemplo, Nunes,³ postulam que as formas modernas com /i/ ou /u/ no radical foram influenciadas pela 1ª pessoa (forma metafonizada), já outros, como Meier⁴ não admitem que uma só pessoa possa influenciar todas as outras. Como se vê, a questão é polêmica, e tentar esclarecê-la, apesar de ser um desafio interessante, ultrapassa os objetivos deste trabalho. Pode-se lembrar, entretanto, que na analogia não é relevante o número de formas ativas, mas, sim, a precedência da forma ativa no paradigma (ou nas relações paradigmáticas). Lembre-se, por exemplo, a série dos pronomes possessivos portugueses, **meu, teu, seu**, onde as formas de 2ª e 3ª pessoas se regularizaram pela 1ª (forma prioritária no paradigma). No latim, como se sabe, as formas das três pessoas do singular dos possessivos eram **meu(m), tuu(m), suu(m)**, tendo, apenas a forma da 1ª pessoa passado ao português. Sequeira⁵ afirma que

(...) a analogia, ao unificar flexões paralelas que estavam diferenciadas, procede sobretudo por generalização, visto que intervém para modelar fenômenos particulares por fenômenos de maior extensão. Tende ela assim (...) a restaurar a simetria perdida nos sistemas flexionais. Todavia, o sentido, a direção da força analógica, o seu alcance mesmo, variam com a época e com as circunstâncias peculiares do termo visado e ainda conforme o eixo de simetria tomado para fulcro da unificação: pessoa, modo ou tempo.

As formas do pretérito perfeito dos verbos fortes **estar, ir e ser** também se explicam pela analogia. A 1ª pessoa latina **steti** foi pouco a pouco abandonada em favor de **estive**, provavelmente por analogia com as formas dos verbos **ter** ou **ser: tive e sive** (arc.), tendo as outras pessoas o mesmo destino. O

2 É sabido que o pretérito perfeito arcaico dos verbos fortes apresenta grande número de variantes sobretudo na 3ª p. sing. Das várias formas documentadas considereei apenas aquela que viria a predominar ao longo da evolução da língua e que é precisamente a que interessa ao meu estudo.

3 NUNES, J. J. *Compêndio de gramática história portuguesa*. Lisboa, Livraria Clássica, 1975. p.310-311.

4 MEIER, Harri. *Ensaio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro, Grifo, 1974. págs. 54-60.

5 SEQUEIRA, F.J.M. *Aspectos do português arcaico*. Lisboa, Livraria Popular, 1943. p. 164.

pretérito perfeito do verbo **ire** latino também desapareceu, tendo-se adotado o modelo do perfeito de **ser** em português. O verbo **ser**, que teve as formas de 1ª e 3ª pessoas do singular iguais, na fase arcaica, buscou no paradigma latino **fui** a forma moderna de 1ª pessoa (**fui**) para desfazer a homonímia.

Finalmente, pode-se dizer que no pretérito perfeito dos verbos fortes portugueses a metafoia ocorreu na 1ª pessoa do singular por influência de /i/ átono final, passando as vogais médias (tanto anteriores como posteriores) a vogais altas: /i/ e /u/ respectivamente. Na fase moderna da língua as outras pessoas se regularizaram pela 1ª pessoa (forma metafonizada). Apenas a 3ª pessoa do singular conservou a vogal tônica arcaica para que se mantivesse a diferenciação entre ela e a 1ª, evitando assim a homonímia.

RESUMEN: Acentuando la importancia de la vocal tónica y su vulnerabilidad, se analiza el proceso de inflexión en la primera persona del singular del pretérito perfecto simple de los verbos fuertes y la actuación de la analogía en la regularización del sistema de conjugación.